

EMIGRAÇÃO DO ALTO MINHO E A SAUDADE NAS ESCRITAS FAMILIARES DE OITOCENTOS

HENRIQUE RODRIGUES*

Resumo: Neste texto sobre emigração oitocentista, deslocamentos documentados com passaportes emitidos no distrito de Viana do Castelo, no século XIX, apresentaremos alguns elementos quantitativos sobre mobilidade, onde as variáveis relativas ao sexo, estado civil, idade, literacia e distribuição por anos têm lugar de destaque, enquanto perspectiva demográfica. Partindo dos Livros de Registos de Passaportes do Arquivo do Governo Civil de Viana (AGC), organizámos os dados dos movimentos com um só passaporte, separando os casos de reembarque e segundas saídas. Feita a primeira abordagem, recorreremos às correspondências, escritas banais existentes nos processos de passaportes, e fizemos uma análise à problemática da saudade da gente anónima, observada a partir da perspectiva do emigrante. Pretendemos ver o que representa esse sofrimento, que aflige quem está separado dos seus, o Eu e o Outro, e como se comunicavam estes desterrados para quem a carta era o elo de uma corrente de afectos.

Palavras-chave: Emigração; literacia da mobilidade; correspondência; saudade.

Abstract: In this text on nineteenth-century emigration, documented displacements with passports issued in the district of Viana do Castelo in the nineteenth century, we will present some quantitative elements on mobility, where the variables related to gender, marital status, age, literacy and distribution for years have a prominent place, As a demographic perspective. Starting from the Passport Records Books of the Viana Civil Government Archive (AGC), we organized the movement data with a single passport, separating the cases of re-embarkation and second exits. After the first approach, we used the banal written correspondence in passport processes, and analyzed the problem of the longing for anonymous people, observed from the perspective of the emigrant. We want to see what this suffering represents, which afflicts those who are separated from theirs, the Self and the Other, and how these exiles communicated to whom the letter was the link of a chain of affections.

Keywords: Emigration; mobility literacy; correspondence; saudade.

REPRESENTAÇÕES MIGRATÓRIAS OITOCENTISTAS¹

O Alto Minho, área correspondente ao distrito de Viana do Castelo, composto actualmente por dez municípios, em 1835, era constituído por 31 pequenos concelhos², mas rapidamente se formaram espaços maiores, com as várias reformas administrativas. As fontes seriais, existentes no arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo (AGC), dão-nos informação sobre a área e a população, por ano, a partir de 1837³, data em que teria 179.897 almas, ou seja tinha uma densidade populacional de 81 habitantes por km².

* CETRAD/UTAD; IPVC. Email: h.f.rodrigues@sapo.pt.

¹ Registamos e agradecemos os comentários do avaliador deste trabalho, que tomamos em boa nota.

² RODRIGUES, 1994: 8. Estas pequenas unidades administrativas são extintas pela lei de 6 de Novembro de 1836, ficando o Alto Minho com 13 concelhos, os actuais dez e mais os de Soajo (extinto em 1852), Castro Laboreiro e Valadares, tendo ambos perdido o estatuto de edilidade em 1855.

³ AGC. *Livro de Estatísticas*, tomo I, cota 1.11.3.32, fol. 141v.



Figura 1 – Distrito de Viana do Castelo

Fonte: Elaboração própria



Figura 2 – Registo de passaporte

Fonte: Registo de passaporte emitido no Governo Civil de Viana da Foz do Lima. AGC.

O órgão administrativo com jurisdição distrital, por Carta de Lei de 25 de Abril de 1835⁴, tinha prerrogativa de emissão de passaportes, para fora do Reino. Em Viana do Castelo, o primeiro requerente a pedir licença de viagem para o Brasil foi Diogo Tomás Esteves, de 19 anos de idade, que obteve o documento com data de 8 de Outubro de 1835, como se faz prova através do assento (figura 2) existente nos Livros de Registos de Passaportes do Fundo Arquivístico do Governo Civil de Viana do Castelo (AGC).

A mobilidade oitocentista, observada a partir da fonte referida, permite-nos asseverar que o número de movimentos é diferente do total de emigrantes e do quantitativo de emissões de licenças, ou seja, um passaporte pode ter associados vários transeuntes e o número de passageiros não corresponde ao total de emigrantes, pois há a ter em consideração as viagens que um indivíduo pode fazer, enquanto emigrante, ao longo de vários anos e com um passaporte por travessia. Daqui resulta, entre 1835 e 1900, um volume de 22 462 emigrantes de ambos os sexos, com um só passaporte. Os «torna viagem», aqueles que foram, regressaram e voltaram a embarcar, duas ou mais vezes, através de Viana e no arco temporal indicado, correspondem a 11240 movimentos registados nos respectivos livros de passaportes. Um total de 33702 viagens⁵, saindo de Viana do Castelo para várias direcções, que não só a América Latina.

⁴ RODRIGUES, 1995: 27.

⁵ Para conhecimento dos dados quantitativos com um só embarque, remetemos para RODRIGUES, 2006: 39-90. RODRIGUES, 2003: 223-778.

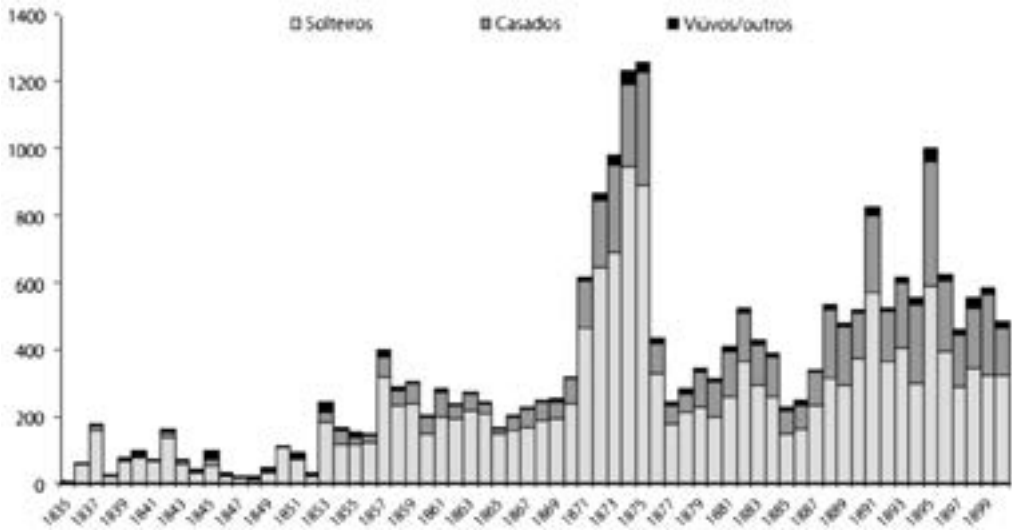


Figura 3 – Distribuição de emigrantes com um passaporte, por ano e estado civil

Fonte: para todos os gráficos, ver nota 6.

Vejamos alguns elementos estatísticos, partindo da bibliografia indicada, organizados em gráfico⁶ com variáveis de saída por ano, estado civil, sexo e alfabetização⁷. Os volumes dão nota da presença de jovens celibatários, representados por mais de setenta por cento deste segmento de mobilidade com um passaporte; os consorciados rondam os vinte e seis por cento; os restantes são viúvos, divorciados ou não identificados. Os indicadores de literacia, analisados a partir das assinaturas existentes nos livros de passaportes (LP), e em vários documentos processuais e mesmo nas correspondências, permitem-nos saber que, globalmente, este segmento é composto por 60,8% de pessoas letradas; apenas 26,8% se declararam iletrados, cabendo os restantes 12,4% a quem não teve de se manifestar formalmente, por serem crianças ou alguém averbado ao passaporte colectivo, cujo portador firmou os documentos⁸. Não podendo ser cotejados estes quantitativos, as representações gráficas têm uma mancha visual semelhante, ou seja os escolarizados são representados por celibatários.

⁶ AGC. *Livros de Registos de Passaportes, 1835-1900*.

⁷ Comparando resultados de abordagens micro, o perfil do emigrante do Alto Minho é diferente, considerando os rácios por estado civil (solteiros versus casados) e os indicadores de literacia mais reduzidos como apurou CASTRO, 2010: 26 e 55-56. Para o distrito do Porto, até 1878, os celibatários são o motor destas dinâmicas, ao contrário do que se observa no último quartel de oitocentos, quando os valores se equilibram nos estados civis de ambos os sexos, Cf. ALVES, 1994: 361.

⁸ Os indicadores de literacia apresentados para o Porto ficam abaixo das percentagens relativas para Viana do Castelo. ALVES, 1994: 214-215.

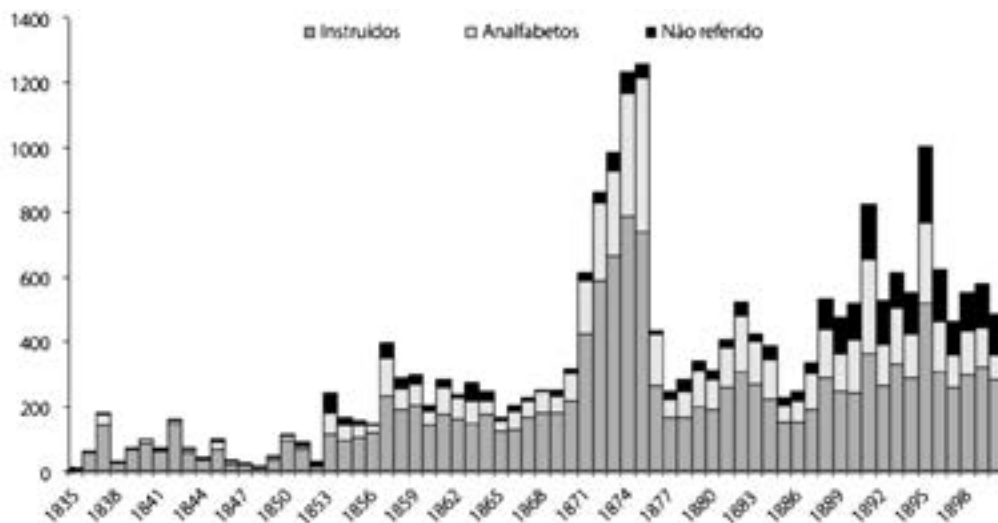


Figura 4 – Distribuição de emigrantes com um passaporte, por ano e alfabetização, entre 1835-1900

Importa sublinhar que os «indeterminados» correspondem aproximadamente ao fluxo de mulheres/mães acompanhadas de filhos, que seguiam para junto dos consortes/pais, cujo movimento tem mais expressão a partir de 1888, mantendo indicadores quantitativos elevados até ao fim da centúria. Outra nota para o corrimento até 1850, o mais reduzido, mas quase só composto por rapazes, onde oitenta e cinco por cento sabiam ler, escrever e contar. Nos vinte anos seguintes, de 1851 a 1870, sessenta e seis por cento do fluxo eram pessoas letradas. Aqui também se observa uma relação entre analfabetismo e estado civil, embora não se possa, nem deva, generalizar esta imagem.

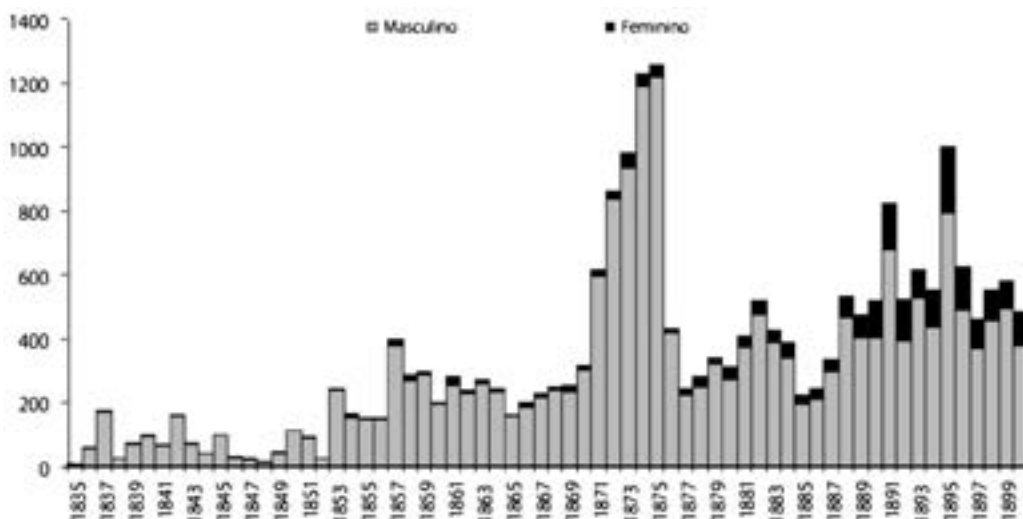


Figura 5 – Distribuição de emigrantes com um passaporte, por ano e sexo

Numa perspectiva geral, os iletrados são mais idosos e consorciados, mas quem nada disse sobre tais competências são mulheres e crianças, grupo que define a emigração familiar dos anos oitenta e noventa, quando as consortes decidem abandonar a terra, juntando-se aos maridos no Brasil. Na última década da centúria, os rácios de literacia aponta para 52% de instruídos, ou seja pouco mais de metade deste fluxo sabia ler, escrever e contar, entre os quais havia mulheres escolarizadas.

Nesta distribuição anual, ainda cabe a comparação por género. O sexo feminino emerge com pouco mais de dez por cento, embora, entre elas haja quinze por cento de emigrantes letradas. O caudal, com cerca de noventa por cento de embarques do sexo masculino, está dominado por celibatários e, em boa medida, jovens instruídos, a quem se juntam os mais idosos, consorciados, onde os índices de analfabetismo começam a ter mais relevo a partir da crise agrícola e do *oidium*, nos anos cinquenta⁹. Os casados têm boa expressão quantitativa nos anos setenta e oitenta. Depois desta década, segue-se a «conjuntura feminina», de quem sabemos que mais de metade não tem informação sobre a capacidade para gizar o nome, embora 32,7% estejam declaradas analfabetas, estando registado na fonte: «não escreve». Mesmo assim, entre o grupo feminino, quinze por cento deste fluxo assinaram o nome, tendo sido contabilizadas como instruídas.

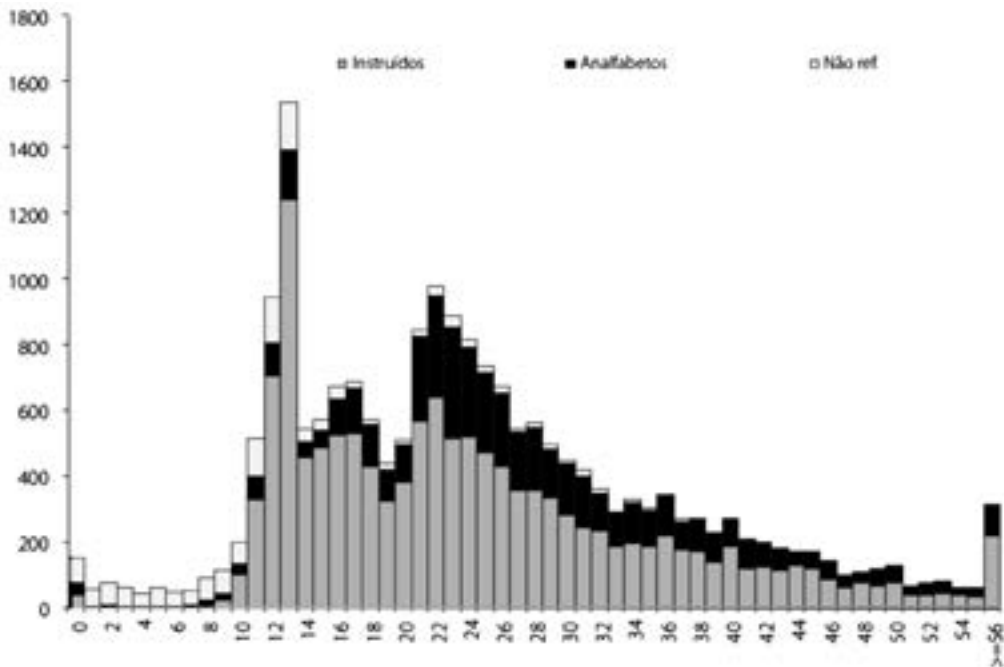


Figura 6 – Emigrantes do sexo masculino por idades e instrução, saídos entre 1835-1900

⁹ O efeito das crises agrárias não foi exclusivo desta região, pois na Galiza, nos anos 1850-60, a batata e o vinho promoveram «um cambio notable en la emigración»... *el motivación real sería la crisis agrícola de los años 1853 y siguientes...*, onde a praga do *oidium* tem grandes responsabilidades. ROEL y CASTELAO, 1992: 225-226. O leitor interessado encontra uma vastíssima oferta bibliográfica sobre as migrações de galegos, pelo que deixamos apenas a referência ao periódico seguinte: «Revista Estudos Migratórios, 1975-2011; AAVV, 1992: 33-44; AAVV- 1993.

A emigração por idade e sexo exhibe perfis diferentes. O movimento masculino tem impacto na juventude, onde os rapazes de treze e catorze anos se impõem pelos volumes. Os menores de 25 anos rubricam perto de cinquenta e sete por cento do caudal. Não deixa de ser assinalável a presença de crianças menores de catorze anos sem referência à literacia, por serem, maioritariamente, acompanhantes de familiares ou de outros imigrantes mais velhos, sejam irmãos, pais ou tutores. Importante é o peso do grupo etário dos 11-13 anos, com 14,8% do movimento. Entre os letrados também predominam os jovens, considerando a presença de 75% de alfabetizados no grupo de idades entre 9 e 30 anos. A pirâmide exhibe «dois vértices»: um aponta para os 14 e outro para os 22 anos, sendo este mais equilibrado. A quebra de movimentos masculino dos 14 aos 20 de idade está associada à obrigatoriedade de pagamento de fiança para o serviço militar, levando os progenitores a proporcionar a viagem antes daquela idade, saindo muitos deles ainda meninos e com conhecimentos da área comercial, por terem sido iniciados profissionalmente como caixeiros. Encontramos casos de quem fez tirocínio em áreas urbanas, embarcando passados dois, três ou mais anos¹⁰. A pirâmide formada pelos emigrantes do sexo masculino assume, a partir dos 22 anos, uma tendência de descendência acentuada até aos 33 anos, sinal da fuga dos melhores braços e sangria dos melhores quadros. A partir desta faixa etária, mas especialmente depois dos 50, são raros os casos de emigrantes à primeira saída, pois é destes que estamos a tratar.

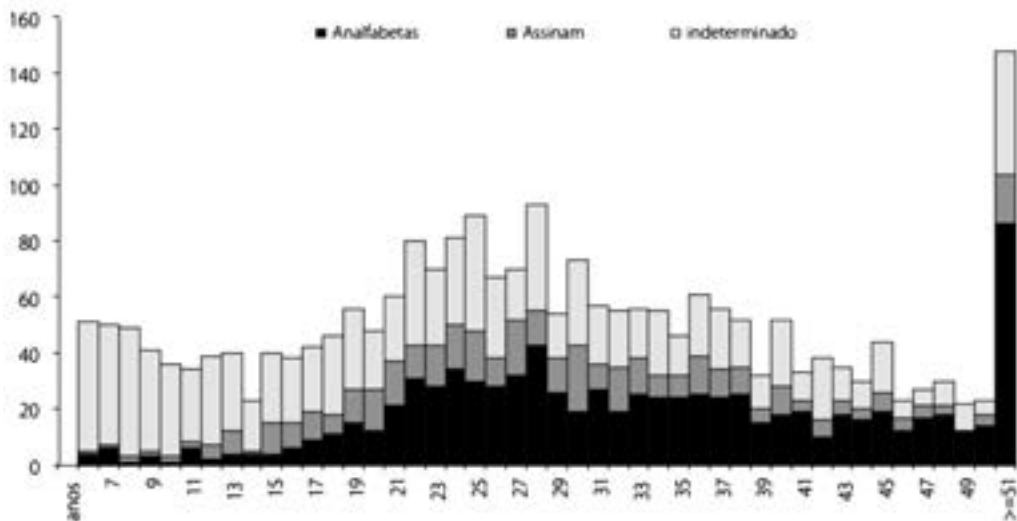


Figura 7 – Emigrantes do sexo feminino por idades e instrução, saídos entre 1836-1900

¹⁰ Como simples exemplo, temos o Visconde Amoroso Lima a quem os pais, detentores de uma mercearia, mandaram para Viana, em 1835, tendo-se aperfeiçoado durante mais de três anos. Seguiu para o Brasil em 1839, onde foi acolhido por um tio, tendo vindo a contrair matrimónio com a prima. Ver RODRIGUES, 2008: 223-224.

Quando abordamos os caudais femininos, na mesma perspectiva, encontramos um movimento onde a moda aponta para os 28 anos. Os grupos etários são mais homogêneos. Não representámos no gráfico os menores de seis anos, que correspondem a 15,6% do volume; dos seis aos catorze anos, temos 14,4% dos fluxos, dos quinze aos vinte e quatro, o caudal corresponde a 22%. Assim, o sexo feminino menor de vinte e cinco anos rubrica 51,7% de embarques, ou seja mais de metade das emigrantes eram raparigas ou crianças, geralmente na qualidade de acompanhantes de familiares ou tutores. Nesta distribuição, por grupos, a faixa etária dos 25 a 34 anos apresenta-se com o maior peso relativo; senhoras que rubricam 22,7%, maioritariamente esposas de migrantes. Juntamente com as colegas de idades entre os 35 e 44 perfazem 38,7%.

Em síntese, a emigração feminina exhibe grupos etários cujos cálculos correspondem a valores equilibrados, sem provocarem fossos semelhantes aos do sexo masculino. A pirâmide é mais homogênea, dominada pelas mulheres na casa dos vinte aos trinta anos, embora as crianças e a juventude tenham uma presença assinalável.

Retomando os dados, configuram-se ciclos migratórios diferentes, de acordo com o sexo, o estado civil, os níveis etários e também no tocante às competências de literacia, dominados por jovens varões, celibatários e letrados. Sobre o conjunto dominante, imergem os adultos na década de cinquenta, homens casados, carregados pelo analfabetismo, mais notado entre as pessoas idosas, mantendo-se presentes os jovens, nestes fluxos. Outro ciclo: o feminino abarca todas as idades sem grandes diferenças quantitativas por níveis etários, de quem se desconhecem os indicadores de alfabetização.

Os perfis deste género apresentam a mulher/mãe arrastando a prole para junto do marido/pai, quadro mais expressivo a partir de fins da década de oitenta, com destaque para a fase da crise financeira, período impeditivo do envio de remessas e do regresso dos homens com dívidas na margem de cá e dificuldades no destino, como as correspondências mostram. Esta fuga dos anos noventa dá início à emigração de massas, com os lares completos a serem arrastadas para a outra margem. Por fim, temos «camadas» de migrações onde se retrata transversalmente a sociedade, mas a presença do jovem letrado é estruturante ao longo de oitocentos, com maior impacto até meados dos anos setenta, sem nunca deixar de estar presente nestes embarques. Mesmo assim, na década de noventa, o movimento ostenta ritmos constantes de homens, mulheres, crianças, jovens de ambos os sexos, de casados e solteiros e também de analfabetos e letrados

O que acabámos de afirmar coloca algumas interrogações sobre os indicadores de literacia, num período em que os censos da população apresentam um quadro muito carregado pelo analfabetismo. Poucos eram os que sabiam ler e escrever, em 1878, pois os iletrados maiores de seis anos¹¹, no Continente, rondavam os 80%. Mas, para Viana do Castelo, dois factores explicam tão elevados níveis de instrução entre os emigrantes: o regresso de frades a Viana¹², após a extinção das ordens religiosas, em 1834, e a densidade do parque escolar privado ao longo da centúria, que supria a elevada procura de agentes

¹¹ RAMOS, 1988: 1067.

¹² Ver, sobre a demografia religiosa nesta área: RODRIGUES, 2005.

de ensino¹³. Além do mais, emigrava quem tinha apoios e famílias com condições económicas capazes de sustentarem o embarque de um jovem ou mesmo vários rapazes a quem os progenitores proporcionavam a viagem para o Brasil¹⁴.

Emigração e alfabetização¹⁵ rimam com boas condições económicas das famílias dos jovens que procuravam melhores soluções de vida noutras paragens. Mas emigração também rima com hipoteca de bens, venda de casas, terras e outros haveres, quando os maridos e mais tarde as mulheres partiam sem conseguirem liquidar os empréstimos tomados para a viagem. Estes cenários estão plasmados nas cartas familiares.

Feita esta introdução às representações migratórias, a partir de dados demográficos, é nossa intenção tratar aqui problemáticas das práticas epistolares centradas em aspectos da saúde.

CORRESPONDÊNCIAS EPISTOLARES OITOCENTISTAS

As fontes, para esta parte do estudo, correspondem a cartas existentes nos processos de passaportes (AGC), anteriormente sinalados, anexadas aos restantes documentos exigidos por lei, com o objectivo de substituírem a autorização do pai/marido, quando de menores ou do sexo feminino se tratava. Nalguns casos, são escritas de emigrantes para amigos, compadres e familiares, a quem solicitam apoio para os interessados poderem obter licença de ida para fora do Reino. Assim se explica a existência de tais documentos processuais quando os pais, maridos ou ambos os progenitores se encontravam ausentes e tinham o ónus da autorização do embarque. A maior parte deste *corpus* corresponde a epístolas familiares, endereçadas pelos consortes às esposas. Tratam de uma plêiade de matérias, como a domesticidade, problemas dos casais, a economia do lar e outros assuntos do interesse de quem se corresponde. Por vezes, percebe-se a vontade da parte dele ou dela em aproximarem-se, sem que haja uma «chamada»; outros homens suplicam repetidamente às consortes a ida para junto deles, mas elas resistem e determinam o tempo da partida. Também há epístolas sem referência à intenção da mulher embarcar; noutras situações são elas mesmas que pressionam para se juntarem aos maridos ou emigram sem que o esposo tenha anuído, dando a carta como documento de autorização. Por tudo isto, estas missivas não devem ser etiquetadas como «cartas de chamada». Optámos por catalogá-las como correspondências da emigração.

Deitamos mão a documentos epistolográficos existentes no fundo do AGC, missivas anexadas aos processos de passaporte. Trata-se de escritas necessárias e obrigatórias para

¹³ Para conhecimento da evolução dos parques escolares, oficial e particular, cf. RODRIGUES, 2007: 359-392; ALVES, 1994: 216-217.

¹⁴ Deixamos apenas um exemplo de três irmãos que foram para o Brasil. O mais velho, Hermenegildo Solheiro, saiu com 13 anos, regressou e obteve passaporte colectivo, aos 25 anos, para levar dois irmãos: José de 16 anos e Cícero 14 de idade, o que demonstra a existência de capacidades financeiras dos pais. A família Solheiro mantém, em Melgaço, herança arquitectónica de gosto «brasileiro», cujo palacete se encontra à entrada da urbe. Sobre emigração familiar, remetemos para o nosso trabalho: RODRIGUES, 1997: 225-237. Conclusões idênticas sobre o perfil jovem da mobilidade de galegos, embora não apresentado dados quantitativos de detalhe, encontram-se em GONZÁLEZ, 1995: 103.

¹⁵ RODRIGUES, 1995.

alimentar afectos e relações maritais e de sociabilidade, circuladas entre quem partiu e quem ficou ou quem estava afastado, o Eu e o Outro. Usando tais correntes, as famílias continuavam ligadas e os maridos ausentes inteiravam-se da saúde dos parentes, amigos, compadres e podiam intervir nas soluções a tomar para benefício da economia do lar.

Por estes documentos acedemos a problemas vividos pelo casal, conhecemos mentalidades¹⁶ e comportamentos conjugais. São correspondências de gente comum, onde não faltam emigrantes analfabetos, que recorriam aos serviços de um escrivão, amigos ou colegas, para alimentarem os laços de coesão parental¹⁷. Nestas situações, a comunicação não era fácil, porque o melindre e mesmo algum pudor da partilha dos sentimentos ou assuntos do foro pessoal com o escrivão inibia os emissores, retraindo-se de «falar» sobre assuntos mais secretos; tinham de segredar afectos e outras matérias íntimas com alguém estranho ao núcleo familiar.

A vida do casal e da aldeia eram rubricas circuladas através destes elos de papel. Saber da saúde de todos, da educação dos filhos, inteirar-se, através de terceiros, dos comportamentos dos cônjuges, da infidelidade de um dos consortes, das dívidas contraídas, dificuldades familiares, um sem fim temas; tudo corria ao ritmo das cartas. Quase sempre gizadas no masculino, relatam aspectos da vida privada e familiar, falando da mulher e dos filhos, da casa, dos haveres, das aquisições de bens, das produções agrícolas, de amigos, da aldeia, de quem contraía matrimónio ou de quem falecia, de tudo que permitisse, a quem estava ausente, ir acompanhando os acontecimentos da paróquia¹⁸.

São práticas epistolares de onde emergem faces da cultura escrita da mobilidade, em contextos familiares, de amizade e de compadrio, amigos chamados a participar nas dinâmicas da migração, apoiando e emprestando verbas ou assumindo funções de curadores, tutores e procuradores. As relações de amizade revelam-se importantes para colaboração em assuntos relacionados com verbas vindas do destino, a receber na aldeia, empréstimos para a viagem de compadres e gestão dos patrimónios, quando o lar completo partia para a outra margem e ainda exerciam funções de fiadores, na ausência dos consortes. A carta era um elo vital nestas ligações entre as margens do Atlântico.

Para o Alto Minho, compulsámos e digitalizamos mais de seiscentas peças, que se encontram em estado de preservação regular, embora um conjunto de processos esteja parcialmente danificado pela humidade, devido a problemas de conservação destes documentos, nos anos noventa do século passado¹⁹. Infelizmente, não há um registo e catalogação das epístolas, que se encontram dispersas numa grande massa de pastas, sem normas

¹⁶ Sobre a mentalidade emergente destas missivas, onde consta outra bibliografia, ver RODRIGUES, 2011: 53-88; MATOS, 2013.

¹⁷ São vários os exemplos de correspondência ditada e lida com recurso a colegas, onde as angústias de mãe estão patenteadas e os problemas financeiros estão retratados e sentidos pelos pais de dois irmãos que se encontravam no Brasil, como refere SILVA, 1992: 14-15.

¹⁸ Há cartas que foram entregues para requerimento de licença passados vários anos da emissão; Nelas, o consorte não questionava o embarque da esposa, noutras eles não desejavam que a esposa atravessasse para o Brasil, por isso não identificamos estes epistolários como cartas de chamada, que são criadas pelo decreto n.º 7427, de 30 de Março de 1921. A partir desta data, deixamos de ter entre os processos de passaporte cartas da emigração.

¹⁹ Trata-se de um conjunto de cartas relativas a processos de 1891, que se encontram parcialmente mutiladas, devido à deterioração pela humidade.

de indexação actualizada, tendo sido «arquivadas» por ordem cronológica. As falhas de sequência detectadas dificultam o trabalho, quando desejamos levá-lo a bom porto.

Considerando a multiplicidade de temáticas proporcionadas por estas fontes, centraremos a nossa atenção em três eixos: saudade, indumentária da mulher emigrante e questões de etiqueta, deixando para outro momento aspectos de mentalidade do emigrante, dinâmicas económicas e relacionamentos afectivos com esposas e filhos, entre muitos outros assuntos a explorar.

SAUDADE, SAÚDE E SILÊNCIOS

A mobilidade promove o afastamento do lar e quem teve de se separar sente os efeitos da distância, nascendo deste desencontro a necessidade permanente de saber do Outro, da sua saúde e dos seus sucessos, germinando a saudade, descrita como um sentimento provocado pela ausência, uma dor e uma doença sem cura, enquanto os principais actores continuarem afastados.

Quase sempre a abertura começava com a apresentação de cumprimentos, expressando votos de boa saúde, extensivos aos familiares mais chegados, pois «muito estimo que estas duas letras te vão encontrar de perfeita saúde, em companhia do nosso filho e dos nossos parentes que nos pertence[m], pois a minha vai sendo boa, graças a Deus para sempre »²⁰. Noutras situações o desejo do encontro físico exhibe um quadro de saudade, de «poder-te estreitar de encontro ao meu amoroso peito, mas como estou um pouco distante... Ai meu Deus, que amargo o pranto!»²¹. Palavras de desejo e de satisfação, sem conseguirem solucionar a dor provocada pelo afastamento.

Correspondências para saber da saúde dos seus ou de quem por eles perguntava, chegaram aos nossos dias por mero acaso, pois não foram gizadas com intenção de virem a ser estudadas. São memórias de reduzida longevidade, de conservação efémera, especialmente quando de escritas se trata banais, de difusão massiva. As poucas missivas chegadas até aos dias de hoje permitem trazer à memória percursos de gente desconhecida, actores de uma cultura epistolar. Estas «escritas banais» deixaram rastros do quotidiano, permitindo-nos acompanhar a vida dos seus autores. São elos de uma corrente tecida ao sabor das motivações, interesses pessoais e da circulação dos vapores, mas também dos veleiros, mais lentos na travessia e mais demorados nas respostas, prolongando a dor do afastamento e a angústia de não saber do Outro.

Pela troca de letras, fala-se de uma saudade angustiante e suaviza-se a dor com cartas onde constam declarações de fidelidade e manifestações de amor, através do envio de lembranças, fotografias, alimentos tradicionais e sementes de ervas e hortícolas para reproduzirem a horta do Minho no Brasil.

Os tempos das letras circuladas e das respostas endereçadas, quebrando ritmos, promovem silêncios tormentosos, quando um dos elos não recebe resposta em tempo

²⁰ AGC. Carta, Processo do passaporte número 638 datado de 15 de Setembro de 1899.

²¹ AGC. Carta, Processo do passaporte número 420, emitido em 28 de Junho de 1900.

imaginado e desejado, tendo o receptor de esperar pelos barcos seguintes²². Estas dinâmicas de compasso mais arrastado dão origem a imaginários de separação, de ruptura ou suspensão de compromissos matrimoniais. Para combater tais quadros, recorria-se à escrita agendada para a hora da partida do correio. Deste xadrez de tempos, ritmos, rituais, imaginários, afastamentos, perigos de perda do Outro, da saúde, dos sacrifícios e dos pensamentos e angústias vividas por quem partiu e quem ficou, nasce a saudade. A missiva era um bom lenitivo, por ela ficava-se a saber que nada de mal tinha acontecido, mas também se conhecia o infortúnio, como a morte das pessoas queridas e de gente conhecida.

Escritas de amor e saudade²³, através das quais se inteiravam da saúde dos seus actores e da vida da aldeia, davam alento às relações sociais e conjugais. Ficava-se informado sobre parentes, amigos, conhecidos e mandava-se cumprimentos, solicitava-se ajuda, dava-se sentido à vida de casais separados pela distância. Quando os maridos se sentiam no «exílio», saber da saúde da esposa nem sempre dominava a angústia e dor, que sofriam silenciosamente, partilhando-a com papel e tinta. Destes quadros falam cartas lavradas por emigrantes. As mulheres não deixam de referenciar a falta de resposta, quando elas ficavam meses sem saber do marido, imaginando quadros terríveis, com o corte da corrente de papel e tinta. Os silêncios criavam um quadro difícil de suportar e um conflito interior, uma aflição que só os elos de papel mitigavam.

A alusão ao correio que não chega ao destino, mensagens violados por parentes, epístolas não recebidas e a espera constante das letras, denunciam o desassossego e a apreensão de quem comunicava de uma para a outra margem do Atlântico e não se via correspondido, intensificando o sentimento de solidão. Era uma angústia resultante do silêncio provocado pela ausência de carta, pois podia indiciar ruptura matrimonial, o medo do divórcio ou na pior das hipóteses, a morte silenciada do Outro.

A SAUDADE NAS ESCRITAS FAMILIARES

Nostalgia do encontro e saudade, a necessidade de ter novas, saber da saúde de ambas as partes e de pessoas conhecidas emergem destes epistolários. Estar actualizado sobre a evolução da paróquia e ser informado sobre os acontecimentos da terra eram outras necessidades expressas constantemente pelos emigrantes, separados vários anos da família e da aldeia. A distância e o afastamento por longos períodos provocavam angústias, quando os maridos se viam impossibilitados de ver a esposa, os filhos e a família.

Nestas cartas, trata-se mais da aproximação da mulher, pelo que os esposos raramente colocam a possibilidade de um retorno imediato, devido a compromissos assumidos com os prestamistas e agentes da emigração, tendo hipotecado bens para emigrar.

²² «Querida Isabel, já chegaram dois vapores vindos de Lisboa e eu não recebi sequer um bilhete teu, depois de saber como tudo aí está a meu respeito. É horrroso para mim não saber notícias daí.» AGC, Carta, processo do passaporte n.º 208 emitido em 6 de Junho 1894.

²³ Um exemplo, entre muitos outros, onde a abertura exhibe a saudade de quem está longe e necessita da família unida: «Lanço mão à pena cheio de lágrimas nos meus olhos para saber da tua saúde, juntamente na companhia do nosso menino». AGC. Carta, processo de passaporte n.º 717, emitido em 8 de Julho de 1895.

As emoções de saudade e melancolia aparecem descritas em algumas cartas, pois a correspondência era um lenitivo, dava uma alegria e satisfação, quando sabiam da vida e da saúde de quem amavam e estavam ausentes. Escrevia-se para, no retorno, receber-se uma palavra de ternura, assim: «mandei lançar a mão à pena somente para saber da sua saúde e dos nossos filhos, pois [a minha] fica sendo boa, graças ao Altíssimo», endereçando, no fecho da missiva, «recomendações a minha mãe e a tua e a quem por mim perguntar»²⁴.

Lembrar-se dos de casa, nomear amigos, compadres e paroquianos conhecidos era um gesto frequente, alargando o leque de recomendações a gente anónima, pessoas que tivessem memória do emigrante e que dele tivesse dado falta, perguntando como estava. A esposa recebia e dava «... um abraço a nossa filhinha, lembranças ao tio Casimiro e toda a família, à tia Caetana e família e às pessoas que de mim se lembrarem e eu sou teu marido que a vida te quero e preciso à minha beira por muitos anos»²⁵. Na hierarquia das saudades entrava a consorte, seguindo-se os filhos ainda meninos²⁶, pais, irmãos, compadres e pessoas amigas; no fim ficava a gente conhecida do emigrante, paroquianos que iam perguntando pelo marido, sinal de interesse pelos conterrâneos.

Nas relações fraternais e de descendência directa, pedia-se para o intermediário dar «beijos e abraços nas crianças e tu recebe uma viva saudade de teu mano... recomenda-me a todos da família»²⁷ ou «a todos que me queiram bem»²⁸. Ninguém ficava arredado deste rol de saudações e saudades.

Receber correspondência proporcionava momentos de alegria e satisfação, por saber-se que os seus se encontravam bem e desfrutavam de saúde e acima de tudo estavam vivos. As cartas, neste propósito, eram sempre muito desejadas e cumpriam um dos objectivos: saber do Outro. A saudade era um tema recorrente, quando a realidade apontava para uma separação prolongada dos casais, imaginando o desterrado que não voltaria a ver a esposa e os filhos, «...por minha infelicidade ... porque eu não posso ir [a casa] tão cedo». O único remédio era a esposa embarcar para junto do homem, e ele insistia: «...peço-lhe, pelo amor que me tem, para vir e, se não vem, peço-lhe pelo leite que mamei para não me escrever mais, porque acabo comigo antes do tempo»²⁹, tal era o sofrimento e a solidão. A mesma dor transmitiam-na quando não eram correspondidos, ficando «mal satisfeito por não ter recebido carta vossa, não sei por que razão, que eu da minha parte tenho escrito»³⁰. Não responder significava cortar a corrente de papel, e sentiam-no como se fosse uma «facada», tal era a dor.

Nas saudações, também se oferecia o «coração cheio de saudades»³¹, pediam retratos de familiares deixados na terra e mandavam recomendações para «as pessoas a quem

²⁴ AGC. Processo do passaporte número 175, emitido em 31 de Março de 1900.

²⁵ AGC. Processo do passaporte n.º 586, emitido em 27 de Outubro de 1897.

²⁶ «De mim muitas saudades aos meninos». AGC. Processo do passaporte n.º 444, emitido em 23 de Agosto de 1897; «Muito estimarei que estas mal traçadas linhas te vão encontrar gozando perfeita saúde em companhia de meu querido filho Manuel, que muitas saudades tenho dele.» AGC. Processo do passaporte n.º 507, emitido em 25 de Setembro de 1897.

²⁷ AGC. Processo do passaporte número 654, datado de 4 de Dezembro de 1900.

²⁸ AGC. Processo do passaporte n.º 617, emitido a 13 de Novembro de 1897.

²⁹ AGC. Processo do passaporte n.º 578, emitido em 22 de Outubro de 1897.

³⁰ AGC. Processo do passaporte n.º 9, datado de 14 de Janeiro de 1900.

³¹ AGC. Processo do passaporte n.º 682, concedido em 27 de Outubro de 1899.

eu tenho sentimento de ficarem aí nessa terra»³². Mas as nostalgias da vida da paróquia, da esposa e dos filhos eram fortes e «só à vista terão fim»³³, referiam muitos emigrantes desejosos de ter a mulher junto deles, não olvidando as «muitas saudades aos meninos»³⁴, cumprimentos a compadres e outros membros dos circuitos de sociabilidades. Muito preocupante era a ausência de resposta por não ter «recebido notícias nenhuma tuas e tantas [cartas] que eu tenho mandado daqui!...»³⁵. A necessidade do encontro e a ânsia de trocar afectos, beijando ou abraçando são as verdadeiras manifestações de saudade³⁶; aqui vai «um abraço muito apertado deste teu esposo do coração ... eu estou morto que tu chegues, pois ando muito carregado»³⁷.

As lembranças partilhadas por tios, primos, pais, comadres, afilhados, vizinhos, toda a gente e todo o mundo, deixando o «...coração saudoso» para a esposa, eram uma manifestação de saudade e amor³⁸. A ausência do Outro redundava num sofrimento difícil de suportar, em tudo semelhante uma isquemia cardíaca. Esta dor era assemelhada a um «grande peso que tenho na alma por ver-me tão longe da minha Pátria e separado de ti e dos meus filhos queridos, que são as prendas que mais adoro»³⁹ porque as saudades para com a família, esposa e os filhos «só à vista terão fim». O reencontro era muito desejado. Escrevia-se debaixo de um quadro de sofrimento onde não faltavam manifestações de uma escrita rodeada «de lágrimas nos meus olhos para saber da tua saúde»⁴⁰, mandando «um apertado abraço a nosso menino e um beijo a outro, para ti um beijo», na esperança ter o prazer de se encontrarem em breve e serem felizes.

Matavam-se saudades com «uns repuxados beijos»⁴¹ e o envio do «meu retrato». A ausência do marido, mesmo se estivesse em convívio com colegas e conterrâneos, não superava o sofrimento. Apenas a carta recebida era lenitivo e dava alegria mas, em época de consoada, o afastamento da família era por demais doloroso, sentindo um vazio, como se estivesse num «deserto sozinho, no meio de tantos estranhos, apesar de ser muito bem tratado»⁴², sem apetite num dia de festividade. Esta melancolia representa saudade.

Uma doença que agravava a saúde do consorte, quando tinha conhecimento do estado da esposa, deixando o marido «muito incomodado». Todavia ele responde, dizendo que sofre dos mesmos sintomas e que o médico lhe diagnosticou «saudades da mulher», não tendo prescrito fármacos, nem «me deu remédio nenhum»⁴³. A solução para ela consistia em «espalhar, que eu farei o mesmo; não te deixes morrer e trata dos filhos que estão sempre doentes. Recebe um apertado abraço deste teu marido do coração

32 AGC. Processo do passaporte n.º 174 concedido em 10 de Fevereiro de 1899.

33 AGC. Processo do passaporte n.º 797, emitido em 24 de Dezembro de 1898.

34 AGC. Processo do passaporte n.º 444, emitido em 23 de Agosto de 1897.

35 AGC. Processo do passaporte n.º 507, emitido em 25 de Setembro de 1897.

36 «Darás muitas lembranças a toda a família e mais a nossa menina e tu recebe o meu coração que ansioso fica por te abraçar» AGC. Processo do passaporte n.º 546, emitido em 8 de Outubro de 1897.

37 AGC. Processo do passaporte n.º 374, emitido em 13 de Julho de 1897.

38 AGC. Processo do passaporte n.º 715, emitido em 31 de Outubro de 1896.

39 AGC. Processo do passaporte n.º 712, emitido em 31 de Outubro de 1896.

40 AGC. Processo do passaporte n.º 717, emitido em 8 de Julho de 1895.

41 AGC. Processo do passaporte n.º 98 emitido em 9 de Abril de 1894.

42 AGC. Processo do passaporte n.º 59 emitido em 25 de Dezembro 1894.

43 AGC. Processo do passaporte n.º 192 emitido em 30 de Maio de 1894.

que a vida te deseja por muitos anos. Muitas saudades»⁴⁴. Contudo, ela resolveu de outra forma: fez as malas, pegou nos filhos, requereu passaporte e juntou-se ao marido. Acabou com a doença, desapareceu a dor invisível, mas que matava, era a saudade.

Tudo se fazia para suavizar esta angústia: enviar «muitas lembranças a todos os do costume»⁴⁵ ou «mil saudades que um dia serão satisfeitas»⁴⁶ e esse dia era o do reencontro, cá ou lá, porque « só à vista devem ter fim»⁴⁷, por isso recebe «mil abraços deste teu esposo que te deseja ver breve e mais os meus ricos filhos do meu coração»⁴⁸.

Quando ela escrevia, depois de longos tempos sem lançar a mão à pena, esta ausência de carta adensava a ânsia de receber letras. Era um momento único, uma satisfação indiscreto, cuja felicidade se traduzia «num choro de contente», porque «pensei que tinhas morrido ou tivesses perdido amizade ao teu marido... Olha, eu já me vai custando a passar sem tu»⁴⁹. De seguida, ele descreve uma visão: «Vou-te contar uma novidade. No dia quatro de Agosto parei eu na rua do Rosário. Vi entrar uma mulher com um xaile como o teu, magra, com tua fala e tudo. Dizia eu: ai que é a minha. Isto foi ao passar na rua. Ela estava dentro de uma loja com as costas viradas. Eu volto para trás todo contente, tanto, tanto te parecia. Estive à espera que ela falasse para conhecer a fala, se era a tua. Ai que fiquei danado, começou-me a lembrar o fogo das Neves, a Santa Ana, a Santa Justa. Tu bem sabes...»⁵⁰ era uma visão nostálgica. O prazer de perguntar pela saúde dos seus levava os emigrantes a registarem tais sonhos, pois «com muito gosto e prazer e alegria lancei a mão na pena para saber da tua perfeita e feliz saúde»⁵¹. Mais agonizante era não ser correspondido e tomar a iniciativa de escrever novamente, ficando «muito incomodado por não saber notícias» de casa⁵². Estes problemas eram difíceis de contornar, quando a esposa era analfabeta e tinha de recorrer aos préstimos de pessoas amigas.

Se ela padecia com o afastamento, devido à fixação do marido no Brasil, ele também sentia o mesmo tormento, pois «tenho sofrido muito, não do físico mas de saudade. Quantas vezes julgas que tenho lido as tuas cartas? Pois todas as vezes que vou ler derramo lágrimas de verdadeira dor e saudade pela ausência da minha cara companheira da sorte e do infortúnio e do fruto do nosso muito amor. Ah! Como eu estou poltrão, feito patego, cheio de saudades, como uma criança!! ... Tenho raiva de mim mesmo e ao mesmo tempo fico satisfeito porque vejo que cada vez vos tenho mais amor»⁵³. Esta ausência promovia o desejo de se encontrarem fisicamente, única forma de curar a doença propagada. Além do mais, acentuava-se o isolamento, não tendo «com quem ir passear, [nem] ... com quem espalhar»⁵⁴. Por isso, envio um «...coração bondoso cheio de amarguras e

44 IDEM, *ibidem*.

45 AGC. Processo do passaporte n.º 497 emitido em 13 de Maio de 1893.

46 AGC. Processo do passaporte n.º 661 emitido em, 7 Julho de 1893.

47 AGC. Processo do passaporte n.º 82 emitido em, 21 de Março de 1892.

48 AGC. Processo do passaporte número 207, datado de 9 de Fevereiro de 1891.

49 AGC. Processo do passaporte número 670 datado de 10 de Novembro de 1890.

50 IDEM, *ibidem*.

51 AGC. Processo do passaporte número 429 datado de 27 de Agosto de 1890.

52 IDEM, *ibidem*.

53 AGC. Processo do passaporte número 37 datado de 18 de Abril de 1886.

54 AGC. Processo do passaporte número 65 datado de 10 de Fevereiro de 1885.

tristezas na ausência de quem constantemente me recordo»⁵⁵. Neste contexto, toda a gente vinha à lembrança: «nossos compadres, nossas comadres, a nossa caseira, ao mestre sapateiro, a seu genro e a quem por mim perguntar»⁵⁶. Memórias permanentes circuladas por estas correntes da saudade.

A terminar este quadro, num gesto de ternura, tentando versejar, um emigrante envia carta com ramos de flores impresso, abrindo com um poema, onde verte lágrimas, mas também oferece rosas, como prova de amor, unindo os corações que se encontram afastados, assim:

*«Minha querida esposa do meu coração:
Dou-te lágrimas, dou-te suspiros,
Dou-te rosas e botões,
Dou-te todas as floridas e em eternos corações
Unidos a um só faz mais que milhões.
Fico todo de saudades. Sou teu esposo até à morte»⁵⁷.*

CONCLUSÕES

A emigração documentada em Viana, com passaporte emitido entre 1835 e o fim da centúria, tem um perfil desmistificador de opiniões velhas, que identificam os emigrantes de oitocentos com pessoas rudes, analfabetas e miseráveis. Bem pelo contrário, deixaram as nossas freguesias jovens talentosos, alfabetizados, rapazes que se fixaram no Brasil longos anos até criarem estruturas económicas e financeiras que os conduziram ao pátamar classificado por «brasileiros». Os movimentos de crianças e jovens menores de catorze anos foram permanentes ao longo do século XIX. A estes correntes juntaram-se pessoas mais idosas; primeiro homens com responsabilidades conjugais, que partiram em condições de dependência dos engajadores ou dos prestamistas, cujas fianças por hipoteca levaram muitos emigrantes a ficarem afastados de casa, por não terem podido liquidar dívidas contraídas com o embarque. Desta forma, impedidos de regressar e com os bens penhorados, arrastaram as esposas para o Brasil, a partir de finais da década de oitenta. Assim nasceu a emigração familiar e de massas.

Casados, solteiros, viúvos, instruídos, analfabetos, gente de todas as idades e de ambos os sexos foram protagonistas destas mobilidades com um passaporte. Emigrar era uma aventura para quem reunia recursos económicos e financeiros, e os pais tudo faziam para dar um futuro aos filhos varões, contornando a ida destes descendentes para o serviço militar, o que obrigava os adolescentes a uma permanência no Brasil, até à idade que os isentava do exército. Globalmente, estes emigrantes têm um perfil de pessoas letradas.

⁵⁵ AGC. Processo do passaporte número 241 datado de 1 de Abril de 1884.

⁵⁶ AGC. Processo do passaporte número 164, emitido em 25 de Junho de 1862.

⁵⁷ AGC. Processo do passaporte número 354, emitido em 8 de Fevereiro de 1861.

Desta fixação prolongada, criou-se uma dinâmica de escritas da saudade. A epistolografia de gente anónima, cartas da emigração, forma um *corpus* documental que nos permite múltiplas abordagens.

Na hora do embarque, toda a gente se comprometia em escrever para casa. Jovens, homens adultos e mulheres que partiam alimentaram uma corrente de papel e tinta ritmada, dando origem a milhões de missivas que atravessaram os mares. Copiadores de correspondência ou conjuntos de cartas dão corpo às escritas «ordinárias», correspondências banais que, isoladas, pouco acrescentam para uma análise epistolográfica. Ao conseguirmos reunir várias centenas de documentos, pudemos analisar aspectos da emigração e dos seus agentes. Neste texto auscultámos a «dor da emigração» e a importância destas correntes de papel. Assim, penetramos num quadro em que o próprio emigrante define a saudade como uma doença. Mas este estado de espírito tinha uma conjugação entre o Eu e o Outro, ela e ele, ambos falam das angústias, sofrimentos e desejos de se encontrarem fisicamente, quando os maridos estavam longe e impossibilitados de regressar a casa. E eles enviam «muitos beijinhos aos nossos queridos filhos»⁵⁸.

FONTES

Arquivo Distrital de Viana do Castelo (ADVC).

Arquivo do Governo Civil do Distrito de Viana do Castelo (ADV).

Por questões de espaço, remetemos para as notas de pé-de-página.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1993) – *1st European Coonference of the, terntional Comission on Historical Demography*. Vol. I/II, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Conselleria de Educación e Ordenación Universitaria.
- AA.VV – «Revista *Estudos Migratórios*». Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- ALVES, Jorge Fernandes – (1994) *Os Brasileiros, emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: ed. Autor.
- CASTELAO, Ofelia Rey (1992) – *Movimientos Migratorios en el Municipio de A Caniza, siglos XVII al XIX*, AA.VV. (1992) *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaria de Relaciones coas Comunidades Galegas.
- CASTRO, Maria Celeste Alves de (2010) – *A emigração na freguesia de Santo André de Campeá, 1848-1900*. Porto: Edições Afrontamento-Cepese.
- GONZÁLEZ, Alejandro Vázquez (1995) – *La Emigración Gallega. Migrantes, Transporte y Rmesas, Españoles Hacia America, la Emigracion en Masa, 1880-1930*. 2.ª ed., coord. de SANCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. Madrid: Alianza America, pp. 80-104.
- MATOS, Maria Izilda Santos de (2013) – *Cadeias de tinta e elos de papel: Entre o conhecimento histórico e o diálogo social – questões metodológicas sobre o uso da literatura epistolar nos estudos de e-imigração*. XXVII Simpósio Nacional de História, conhecimento histórico e diálogo social, Natal. pp. 33-44.
- MONTEIRO, Miguel (1998) – *Mobilidade Geográfica e desigualdade social. Brasil destino de distinção*. «Boletín de la Asociación de Demografía Histórica», XVI-I, pp. 97-136.
- RAMOS, Rui (1998) – *Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma, trodução à*

⁵⁸ Carta de Manuel José Rebelo Júnior à esposa. AGC, Processo do passaporte número 598 datado de 13 de Setembro de 1882.

- História da Alfabetização no Portugal Contemporâneo*. «Revista Análise Social», vol. XXIV (n.º 103-104). Lisboa, pp. 1067-1145.
- RODRIGUES, Henrique (1994) – *Espaço Geográfico da Ribeira-Lima na Reforma Administrativa de 1832-36*. «Estudos Regionais», Vol. XIII/XIV, Viana do Castelo.
- ____ (1995) – *Emigração e Alfabetização, A Miragem do Brasil*. Viana do Castelo: Governo Civil de Viana do Castelo.
- ____ (1997) – *Emigração e Dinâmicas Familiares, Aspectos Sócio-Profissionais e, dicadores de Alfabetização, La demografía y la Historia de la Familia, Historia de la familia, una Nueva Perspectiva sobre la Sociedad Europea*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 225-237.
- ____ (2003) – *Alto Minho no século XIX: Contextos migratórios, sócio-culturais e familiares*. Porto: FLUP, tese de doutoramento.
- ____ (2005) – *Extinção das Ordens Religiosas e Dinâmicas Sócio-Culturais*. «Revista Lusitânia Sacra», 2.ª série 16, Lisboa.
- ____ (2006) – *Emigração e Emigrantes do Vale do Lima no século XIX*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- ____ (2007) – *Escolarização e Alfabetização no Alto-Minho na segunda metade do século XIX*. «Revista de Demografia Histórica», segunda época, ADEH, XXV, I. pp. 359-392.
- ____ (2008) – *Manuel José Amoroso Lima, Visconde Amoroso Lima*. ABREU, João Gomes – coord. *Figuras Limianas*, Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, pp. 223-224.
- ____ (2011A) – *Escritas de Emigrantes, uma abordagem à correspondência oitocentista*. «Anuário 02, CEHA». Funchal/Madeira. pp. 957-1002.
- ____ (2011B) – *Escrita popular e imagens da emigração oitocentista portuguesa: uma abordagem às cartas enviadas do Brasil*, SEIXAS, Xosé M. Núñez e LOPO, Domingo L. González – coord. *Amarras de tinta. Emigración transoceânica e escrita popular na Península Ibérica, séculos XIX-XX*. Santiago de Compostela: Conselho de Cultura Galega, pp. 53-88.
- ____ (2013) – *Correspondência de emigrantes do Alto Minho no período da República*. RODRIGUES, Henrique e PORTUGUÊS Ernesto, coord. *Escritas privadas, da Mobilidade e da Guerra*. Monção: Câmara Municipal de Monção, pp. 157-193.
- ROEL, Antonio Eiras; y CASTELAO, Ofelia Rey (1992) – *Los Galegos y América*. Madrid: Editorial Mapfre.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (1992) – *Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil, 1850-1938*. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras.